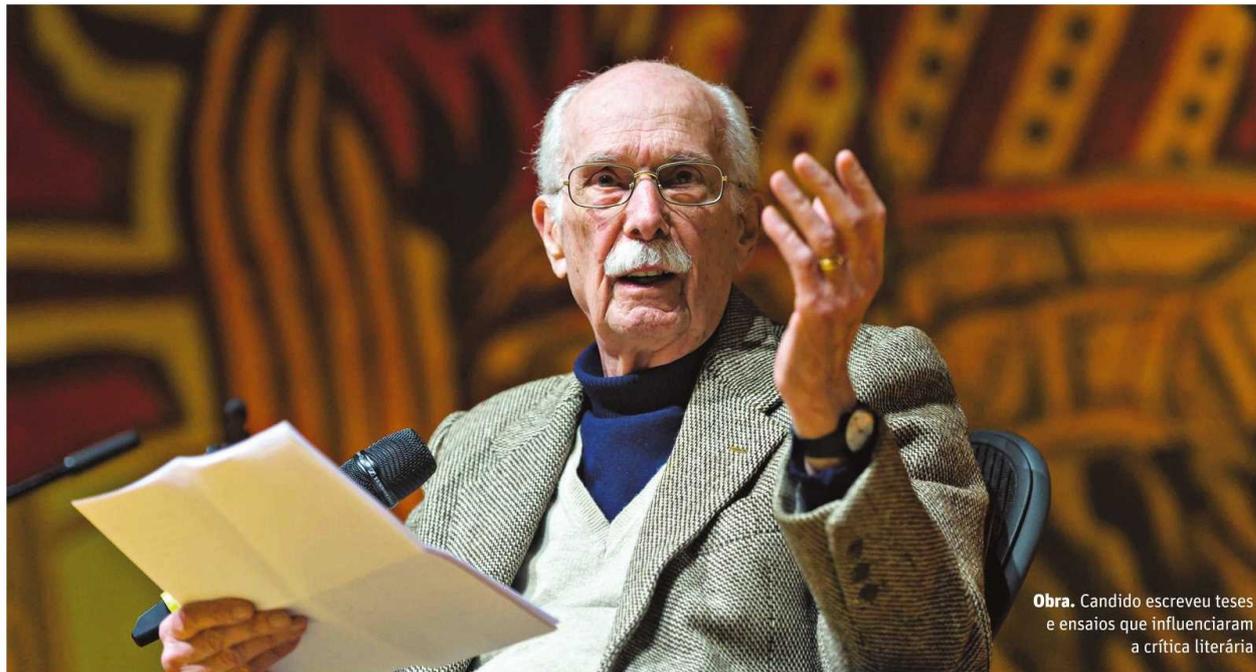


Luto

FESTA LITERÁRIA PARATY/FLICKR - 6.7.2011

Expoente da crítica literária no Brasil, Antonio Candido morreu ontem em São Paulo aos 98 anos



Obra. Candido escreveu teses e ensaios que influenciaram a crítica literária

# Brasil perde um mestre

■ SÃO PAULO. O crítico literário, ensaísta, professor e sociólogo Antonio Candido morreu na madrugada de ontem, aos 98 anos, no hospital Albert Einstein, em São Paulo. Ele estava internado desde o dia 6 deste mês, depois de ter uma “crise gástrica”, disse Laura Escorel, neta que morava com ele havia quatro anos. “Estamos em paz, ele esteve lúcido até o fim e não sofreu”, afirmou. Por sua obra, Candido venceu quatro vezes o Jabuti, principal prêmio literário do Brasil. Em 1966, recebeu o Jabuti de personalidade do ano. Em 1998, venceu o prêmio Camões.

Autor de livros como “Introdução ao Método Crítico de Silvío Romero” (1944), “Formação da Literatura Brasileira” (1959) e “Literatura e Sociedade” (1965), entre muitos outros, Candido formou uma maneira de se pensar a literatura brasileira que influenciou toda a crítica literária do país desde então. Em 1956, ele criou o “Suplemento Literário” do jornal “O Estado de São Paulo”, caderno cultural que se tornou paradigma do jorna-

lismo cultural no Brasil.

Ele se definia como um sobrevivente. “Sou provavelmente o último amigo vivo de Oswald de Andrade, um escritor dono de uma personalidade vulcânica”, comentou Candido, em rara entrevista, em Paraty, onde, em 2011, fez a conferência de abertura da 9ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). Como o homenageado era justamente o autor de “Marco Zero”, Candido decidiu quebrar seu silêncio – não gostava de ser entrevistado, tampouco de fazer aparições públicas.

**VIDA ACADÊMICA.** Antonio Candido nasceu no dia 24 de julho de 1918, no Rio de Janeiro, e depois de passar a infância nos limites entre Minas Gerais e São Paulo, se estabeleceu na capital paulista em 1937. Ingressou e abandonou a Faculdade de Direito da USP para, em 1942, se graduar em filosofia.

Tinha início uma carreira universitária brilhante. Em 1945, com a tese “Introdução ao Método Crítico de Silvío Romero”, tornou-se livre-docente em Literatura Brasileira pela USP. Em 1954, recebeu o título de doutor em Ciências So-

ciais com a tese “Os Parceiros do Rio Bonito”. E, em 1960, assumiu o cargo de professor de teoria literária e literatura comparada na FFLCH. Aposentado da instituição em 1978, continuou a orientar dissertações e teses de pós-graduação.

Em 1958, Candido assumiu o cargo de professor de teoria literária na Faculdade de Filosofia de Assis, hoje pertencente à Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde passou dois anos. De 1976 a 1978, coordenou o Instituto de Estudos da Linguagem da

## Despedida

**Velório.** Antonio Candido foi velado ontem no hospital Albert Einstein. Entre os presentes estava o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O corpo será cremado hoje em uma cerimônia só para familiares e amigos. Ele deixou orientações para que suas cinzas sejam misturadas às de sua mulher, Gilda de Mello e Souza, e que depois sejam colocadas em um jardim.

**Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).** No exterior, lecionou na Universidade de Paris, de 1964 a 1966, e na Universidade Yale, em 1968.

**CRÍTICO.** A carreira de crítico literário na imprensa teve início em 1943, quando começou a escrever para a “Folha da Manhã”, que deu origem à “Folha de S.Paulo”. Ainda nos anos 1940, foi crítico do “Diário de São Paulo”. E, em 1956, fez o projeto do “Suplemento Literário” de “O Estado de São Paulo”, que ajudou a modernizar o jornalismo cultural brasileiro.

Candido foi também um dos fundadores da lendária revista cultural “Clima”, que publicou apenas 16 números, entre 1941 e 1944, mas que revelou um grupo de intelectuais de atuação marcante no cenário cultural e universitário paulista: Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, Ruy Coelho e Gilda de Moraes Rocha, com quem Candido se casou em 1943, quando ela adotou o nome Gilda de Mello e Souza. O casal teve três filhas: Ana Luíza, Laura e Marina. Gilda morreu em 2005.

**MILITANTE.** A militância política de Candido começou ainda na juventude, como integrante da Frente de Resistência contra a ditadura do Estado Novo. Em 1942, ele participou da criação do Grupo Radical de Ação Popular. Três anos depois, ajudou a fundar a União Democrática Socialista. Logo em seguida, aderiu – ao lado de Sérgio Buarque de Holanda, um de seus grandes amigos – à Esquerda Democrática, que daria origem em 1947 ao Partido Socialista Brasileiro, pelo qual Candido foi candidato a deputado estadual em 1950. Teve pouco mais de 500 votos.

Em 1966, ao voltar da temporada em Paris, manifestou seu apoio ao MDB. Em 1977, assinou o Manifesto dos Intelectuais, que pedia o fim da censura. E, em 1980, participou da fundação do PT. “Confesso que por toda a minha vida, mesmo nos momentos mais agudos, nunca fui capaz de perder a preocupação com os fatores sociais e políticos, que obcecaram a minha geração como uma espécie de momento e quase de remorso”, disse em entrevista à revista acadêmica “Transformação”, em 1975.

## Homenagens

“Antonio Candido foi o melhor amigo dos meus pais e presença marcante na minha infância.”

Chico Buarque  
cantor e compositor

“Eu perco o amigo, um grande amigo de toda a vida, de muitas parcerias, um amigo fiel e querido. Uma tristeza enorme sinto hoje.”

Lygia Fagundes Telles,  
escritora

“O Brasil perdeu hoje mais do que um dos maiores intelectuais da nossa história. Perdemos um ser humano excepcional, que dedicou sua vida à cultura, à democracia e à justiça social. E o fez com excelência em todos os campos.”

Luiz Inácio Lula da  
Silva,  
ex-presidente da  
República

“Morreu um grande mestre. Morreu o mestre do Brasil.”

Nélida Piñon,  
escritora

“A perda de Antonio Candido atinge a língua portuguesa e fere o Brasil em hora que dele tanto se precisava. A cultura de Minas Gerais reverencia o legado de inteligência, lucidez e cidadania que ele entrega ao Brasil.”

Angelo Oswaldo,  
secretário de Cultura  
de Minas Gerais

“Antonio Candido foi e continua sendo um modelo para todos nós, pela sua vasta cultura, pela sua sensibilidade estética e por sua postura ética. É uma grande perda para a cultura brasileira.”

Leyla Perrone Moysés,  
escritora

“Lamento a morte do intelectual Antonio Candido, que honrou a literatura nacional com sua crítica e inteligência.”

Michel Temer,  
Presidente da  
República

CONTINUA NA PÁGINA 2

